

ANC  
p 2

## A crítica aos históricos

Através de seus principais representantes na Constituinte, os peemedebistas históricos procuram traçar para o PMDB um plano com dois objetivos políticos definidos. O primeiro consiste em aprovar, o mais cedo possível, a nova Constituição brasileira; o segundo envolve o lançamento de uma candidatura partidária à Presidência da República, em convenção nacional do PMDB, logo que a Constituição seja promulgada.

Trata-se de um plano simples e transparente. Muitos adversários dos históricos fingem, porém, que não o entendem, talvez para torcer os fatos e, assim, frustrar a ação e os objetivos dos peemedebistas que o elaboram.

Entre os críticos do plano estão os pós-históricos do PMDB em geral — quase todos hoje vinculados ao Centrão, o conglomerado suprapartidário da direita — e até alguns históricos em particular. Desses últimos, uns foram feridos em sua vaidade, por não terem sido chamados às reuniões dos fundadores do PMDB, e outros vêem suas ambições pessoais ameaçadas pelo grupo histórico.

Ao contrário do que se diz, aos históricos não interessa atropelar a

Constituinte, lançando a candidatura do PMDB à Presidência, antes de promulgada a nova Constituição. Se o fizessem, estariam inviabilizando os trabalhos da Assembléia e expondo o partido ao risco de divisões irremediáveis. Os objetivos do plano, pelo que se sabe, são diferentes. Havendo entre os peemedebistas do Centrão muitos constituintes ligados a candidatos em potencial do PMDB à sucessão de Sarney, os históricos pensam em atraí-los para a idéia de aceleração dos trabalhos da Assembléia e, desse modo, esvaziar as manobras protelatórias dos centristas que agem com má fé política. O Centrão, aliás, sentiu o golpe e foi quem mais criticou o plano dos históricos.

O Governo e os defensores do mandato de cinco ou seis anos para Sarney também condenaram a iniciativa dos históricos, pois a dinamização do trabalho constituinte e a tese do lançamento imediato da candidatura do PMDB à Presidência pressupõem, é claro, a realização de eleições presidenciais em 1988.

Fez-se, faz-se e se fará de tudo para impedir a consecução dos objetivos políticos dos históricos, que, a rigor, talvez até recolquem

o PMDB no páreo sucessório, na medida em que o partido, ao escolher seu candidato presidencial a curto prazo, terá de indicar alguém menos identificado como Governo, desgastado politicamente, do que com as bases partidárias.

A natureza das críticas à ação dos históricos mostra, porém, que os adversários do grupo não têm argumentos políticos consistentes.

A alegação de que alguns históricos não o são de fato é uma forma de desviar a atenção do principal para o acessório. A dinamização da Constituinte interessa ao Brasil, pois as indefinições da Assembléia estão ameaçando a sobrevivência das instituições democráticas. A eleição presidencial em 1988 contribuirá, de resto, para a escolha de um presidente com lastro popular, capaz de governar de fato. Já o adiantamento das eleições, a pretexto de que elas poderão ser ganhas por algum candidato indesejável, que não pertença ao PMDB nem PFL, é uma torpeza casuística e antidemocrática, portanto inconcebível e imperdoável. (Interino).

● ●  
O titular desta coluna, Alvaro Pereira, está de férias